

# FILOSOFIA, MEMÓRIA E CONTEMPORANEIDADE<sup>1</sup>

*Raimundo Nonato Araujo Portela Filho* <sup>2</sup>

## RESUMO

Abordagem de aspectos da relação entre filosofia, memória e contemporaneidade. Inicialmente, realiza-se um exame da relação entre tempo e memória. Em seguida, expõem-se as memórias de alguns professores de filosofia brasileiros, no que concerne a aspectos relevantes de suas vidas acadêmicas assim como de suas inserções no contexto sócio-histórico contemporâneo. Finalmente, tiram-se algumas conclusões.

**Palavras-Chave:** Filosofia. Tempo. Memória. Contemporaneidade. Professor de Filosofia.

## 1 INTRODUÇÃO: tempo<sup>3</sup> e memória

O homem é um ser imerso no tempo, imerso em temporalidades. Estas temporalidades devem ser consideradas em vários níveis, desde os mais relacionados

<sup>1</sup> Este texto é a versão modificada do apresentado na Conferência “Memória e Contemporaneidade”, no encerramento do “Simpósio São Luís 400 Anos: Filosofia, Cultura e Sociedade”, promovido pelo IESMA, no período de 29.10 a 01.11.2012, no Auditório da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UEMA, Praia Grande, São Luís-MA.

<sup>2</sup> Mestre em Filosofia pela UFPB.

Professor Adjunto IV do Departamento de Filosofia da UFMA.

<sup>3</sup> Abbagnano (2007, p.1111) distingue três concepções fundamentais de tempo: “1ª. o T. como ordem mensurável do movimento; 2ª. o T. como movimento intuitivo; 3ª. o T. como estrutura de possibilidades. À primeira concepção vinculam-se, na Antiguidade, o conceito cíclico do mundo e da vida do homem (metempsicose) e, na época moderna, o conceito científico de tempo. À segunda concepção vincula-se o conceito de consciência, com a qual o T. é identificado. A terceira concepção, derivada da filosofia existencialista, apresenta algumas inovações na análise do conceito de tempo”.

a uma interioridade até os mais relacionados a uma exterioridade. Ele é um ser exilado em seu próprio tempo, se admitirmos que temporalidade associa-se com subjetividade, identidade, memória, diferença (Cf. BAPTISTA e PEREIRA, 2007, p. 305).

Tempo e memória são categorias indissociáveis e que possuem os mais variados conceitos. O tempo pode ser objetivo, isto é, mensurável, medido.

O tempo pode ser, além disso, subjetivo, ou seja, aquele tempo especialmente ligado ao nosso mundo interior, regido pelo ritmo de nossas sensações e impressões pessoais, que constitui um tempo qualitativo, não mensurável, pois varia de pessoa para pessoa. É o tempo ligado à experiência individual. Tempo subjetivo é tempo íntimo, ligado às camadas mais profundas de nossa memória individual e que só a nós pertence (Cf. BAPTISTA e PEREIRA, 2007, p.306).

As questões referentes ao tempo tem sido discutidas nas diversas épocas históricas. Na Antiguidade Clássica Grega, por exemplo, o tempo era considerado predominantemente uma categoria cíclica, circular. Em virtude do modelo cosmológico que se tinha na época, as coisas se repetiam e estavam, de certo modo, subordinadas ao movimento dos astros. Na Antiguidade Grega a percepção de tempo era fora do homem, um tipo de categoria exterior e ligada à espacialidade.

Na Idade Média, o conceito de tempo prevalecente está ligado a uma possível eternidade, isto é, o tempo está fundamentalmente ligado a aspectos de religiosidade. Com efeito, o tempo terreno é concebido como uma condição transitória, fugaz, a que os homens estariam submetidos.

O tempo eterno, o homem intemporal, fora dos desígnios do tempo, seria possível somente após a morte.

Vale salientar que Santo Agostinho (354 – 430) é considerado, por suas reflexões a respeito da memória,

um grande pensador que, em sua época, já apontava para elementos daquilo que atualmente entendemos por tempo subjetivo.

É célebre a reflexão agostiniana sobre o tempo no livro 11, capítulo 14, da sua obra 'Confissões' (1980, p.217-218):

Que é pois, o tempo? Quem poderá explicá-lo clara e brevemente? Quem o poderá apreender, mesmo só com o pensamento, para depois nos traduzir por palavras o seu conceito? E que assunto mais familiar e mais batido nas nossas conversas do que o tempo? Quando dele falamos, compreendemos o que dizemos. Compreendemos também o que nos dizem quando dele nos falam. O que é, por conseguinte, o tempo? Se ninguém me perguntar, eu sei, se o quiser explicar a quem me fizer a pergunta, já não sei. Porém, atrevo-me a declarar, sem receio de contestação, que, se nada sobreviesse, não haveria o tempo futuro e, se agora nada houvesse, não existiria o tempo presente. De que modo existem, aqueles dois tempos- o passado e o futuro-, se o passado já não existe e o futuro ainda não veio? Quanto ao presente, se fosse sempre presente, e não passasse para o pretérito, já não seria tempo, mas eternidade. Mas se o presente, para ser tempo, tem necessariamente de passar para o pretérito, como podemos afirmar que ele existe, se a causa da sua existência é a mesma pela qual deixará de existir? Para que digamos que o tempo verdadeiramente existe, porque tende a não ser?

Examinar o passado pode ser um processo de auto-reconhecimento e reflexão sobre o momento atual.

O exame do passado somente se torna possível devido à existência de um fator essencial à compreensão do que se busca, a saber: a memória. Por intermédio

dela é possível regressar ao passado e rememorar um dado acontecimento. Voluntária ou involuntariamente, as lembranças armazenadas pela memória como que perpassam nosso ser e então passam a ter acesso a um outro tempo, um tempo distante.

Vivemos um “boom de memória” (BARBERO, 2000), um progresso súbito de memória, suscitado pela crise na moderna experiência de tempo. Podem-se identificar diversas manifestações desse boom, tais como: crescimento e expansão de museus, restauração de velhos centros urbanos, como a Praia Grande, em São Luís, o entusiasmo por comemorações, como o quarto centenário de São Luís em 2012, a multiplicação de antiquários e um grande interesse por biografias e autobiografias.

O relato autobiográfico, na maioria das vezes, tenta ordenar os acontecimentos de uma vida de forma diacrônica, isto é, de uma maneira histórica, processual, na ilusão de que tais acontecimentos formem uma narrativa autônoma e estável, com princípio, meio e fim, constituindo um conjunto coerente.

Isto é o que Pierre Bourdieu (1930- 2002) denomina “ilusão biográfica”, aquela que trata a história de uma vida como “o relato coerente de uma sequência de acontecimentos com significado e direção”. (BOURDIEU, 1998, p.185).

Segundo Bourdieu, o biógrafo é cúmplice dessa ilusão. Ele tenta satisfazer o leitor tradicional, que espera dele uma suposta verdade, uma suposta realidade. Entretanto, o máximo que a biografia pode oferecer é uma reconstrução, um efeito do real.

O biógrafo é responsável pela criação artificial de sentido, já que tem interesse em aceitar a coerência da existência narrada, pois seu discurso baseia-se na preocupação de “tornar razoável, de extrair uma lógica ao mesmo tempo retrospectiva e prospectiva, uma

consistência e uma constância, estabelecendo relações inteligíveis, como a do efeito à causa eficiente ou final”. (BOURDIEU, 1998, p.185).

Ao organizar a vida como uma história linear, o biógrafo fornece uma razão de ser ao seu objeto e tranquiliza o seu leitor, que se identifica no passeio pela estrada percorrida.

Associar a vida a um caminho ou estrada facilita a compreensão, facilita a narração, facilita a venda de um livro (auto) biográfico.

O sucesso das biografias no mercado editorial está relacionado à opção da maioria dos autores de reconstruir o passado atribuindo significado aos fatos dispersos de uma vida, colocando-os em ordem cronológica.

Walter Benjamin (1892-1940) (1994), compara o ato de recordar ao de escavar. Do mesmo modo que o homem escava o objeto enterrado, assim também aquele que deseja se aproximar do passado se vê adotar um comportamento semelhante. A História é um elemento primordial para se compreender o passado e escavá-lo através das recordações.

Conforme o historiador francês Jacques Le Goff (1924- ), especialista em Idade Média e membro da Escola dos Annales, a memória tem um papel fundamental no que tange ao acompanhamento histórico. História e memória formam um elo e uma cumplicidade tal que seria impossível dissociá-los, já que a relação com o passado é um fator não somente histórico, mas também mnemônico. (Cf. LE GOFF, 1990.)

Para Le Goff, tempo e memória constituem objetos da História que funcionam como paradigmas que veiculam princípios: “Tal como o passado não é a história, mas seu objeto, também a memória não é a história, mas sim um dos seus objetos e simultaneamente um nível elementar de elaboração histórica.” (LE GOFF, 1990, p.49).

Não há como pensar a memória sem pensar o esquecimento. Memória e esquecimento não são termos antagônicos e não podem ser pensados em um defasado modelo dicotômico. Eles convivem e se relacionam em complexas teias de conexões e interfaces.

No mundo dos megabytes, nunca foi tão fácil armazenar memória, contudo a amnésia, o esquecimento nunca esteve tão presente. O excesso de informação convive com o esquecimento imediato.

A cultura midiaticizada, a cultura veiculada pelos meios de comunicação de massa, produz objetos descartáveis que alimentam a própria amnésia, de modo que: “a velocidade sempre crescente das inovações técnicas, científicas e culturais gera quantidades cada vez maiores de produtos que já nascem obsoletos.” (HUYSEN, 2000, p.27).

O biógrafo ou o historiador tradicional acha que vai preencher lacunas, o que é um equívoco.

A história de qualquer coisa é apenas o que podemos saber sobre esta coisa, nunca a sua totalidade. A lacuna é onipresente. O passado não está pronto. Ele ainda está por fazer e se articula no presente, ou melhor, na presença, onde elaboramos a memória e a transformamos em discurso.

## **2 MEMÓRIAS DE PROFESSORES DE FILOSOFIA BRASILEIROS**

Para esta exposição selecionaram-se os relatos de três professores do sudeste/sul do Brasil assim como três professores do nordeste brasileiro, mais especificamente, de origem maranhense.

## 2.1 Prof. João Cruz Costa<sup>4</sup>

O professor Cruz Costa [São Paulo, 1904- São Paulo, 1978]<sup>5</sup> tornou-se catedrático em Filosofia pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras (FFCL)/ Universidade de São Paulo (USP) no ano de 1951, deixando suas atividades docentes em 1965. Doutor Honoris causa pela Universidade de Rennes (França), foi professor convidado da École de Hautes Études de Paris durante o ano de 1964. Autor de alguns ensaios: “A Filosofia no Brasil”, “O Pensamento Brasileiro”, “O Desenvolvimento da Filosofia no Brasil no Século XX e a Evolução Histórica Nacional”, “Augusto Comte e as Origens do Positivismo” e “Contribuição à História das Idéias no Brasil” (1956).

Ele relata que começou estudando Medicina, revelando um interesse prático pelo homem, se não por ele, por sua saúde. Fizera alguns estudos de Filosofia com o seu saudoso amigo, prof. Henrique Geenen, para satisfazer as exigências dos preparatórios [vestibulares], pois para ingressar na Faculdade de Medicina tinha-se que prestar exame de Psicologia e Lógica.

Em 1923 foi para a França e entrou no curso preparatório à Faculdade de Medicina de Paris. Nesse momento, que tinha de 18 para 19 anos, teve um encontro com dois autores que muito o impressionaram e, no seu entender, muito preocupados com o destino do homem: Freud [1856-1939] e Marx [1818-1883].

Quanto ao projeto de criação da Universidade de São

<sup>4</sup>Alicerça-se aqui em Entrevista por ele concedida à revista Trans/Form/Ação. Marília, v.2, p. 87-94, 1975.

<sup>5</sup>Informações adicionais às memórias de professores de filosofia brasileiros estão colocadas entre colchetes.

Paulo, Cruz Costa sustenta que parece que esse era um velho sonho, muitas vezes frustrado. Houve um projeto na Colônia; outro no Império e, na República, parece, sério só o de 1934, no governo de Armando de Salles Oliveira [1887-1945, engenheiro e político], promovido por Júlio de Mesquita Filho [1892-1969, jornalista], Fernando de Azevedo [1894-1974, sociólogo] e outros de cujos nomes ele não se lembra no momento da entrevista, mas diz que seria fácil verificar nos documentos históricos da Universidade.

Cruz Costa assevera que o antropólogo francês Claude Lévy-Strauss [1908-2009], na obra *Tristes Trópicos* diz que a principal peça criada quando da fundação da Universidade em 1934, - a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras - deveria servir de cobertura ideológica ao status quo político e social da época. Cruz Costa argumenta que em parte talvez tenha sido essa a intenção dos que sonharam com a Universidade, homens cultos, todos eles pertencentes às classes privilegiadas. Mas sejamos justos com essa elite: não foi apenas isto que os moveu. O Brasil já necessitava de arejar e melhorar várias áreas de suas elites, de ampliá-las, dividindo o trabalho intelectual.

A respeito da constituição do Curso de Filosofia da USP, Cruz Costa afirma que o curso de filosofia foi entregue a um professor francês. O professor Etienne Borne [1907-1993], ex-aluno da École Normale Supérieure de Paris, iniciou o curso e esteve no primeiro ano letivo [1934]. Em 1935 veio nova missão francesa e dela fazia parte o professor Jean Maugüé [1904-1990], reputado por Cruz Costa como um brilhante professor, que teve profunda influência nos jovens que entrariam na Faculdade, tendo ministrado aulas de Psicologia, Lógica, História da Filosofia e Ética.

Após a partida do Prof. Maugüé, o Curso de Filosofia foi dividido entre os seus dois assistentes: Lívio Teixeira

[1902-1975], com a História da Filosofia, e Cruz Costa, com a Psicologia, a Lógica e a Ética. Mais tarde, Gilda de Mello e Souza [1919-2005, filósofa, professora universitária, crítica literária e ensaísta] ficou encarregada das aulas de Estética. Foi então criado o Departamento de Filosofia.

Assevera Cruz Costa que a sua principal preocupação, desde cedo, foi a de chamar a atenção dos jovens para a aplicação da reflexão à realidade brasileira. Ele diz que não lhe foi difícil o caminho, visto que a Semana de Arte Moderna de 1922 já o havia preparado em grande parte. Assim, considera que o seu trabalho nada teve de especulativo e que nunca foi um filósofo, mas somente um filosofante, preocupado com a História, de modo que o que ele escreveu fica a cavaleiro entre a Filosofia e a História.

Com a criação do Departamento de Filosofia, afirma Cruz Costa que, com o objetivo de desenvolvê-lo, recorreu-se à colaboração de professores estrangeiros, cuja formação era mais completa que a dos brasileiros. Vieram diversos professores, entre os quais: Gilles-Gaston Granger [1920- ], especialista em Lógica; Martial Guérout [1891-1976], eminente historiador da Filosofia; Claude Lefort [1924-2010], especialista em ciência política; Michel Debrun [1921-1997] para a disciplina Ética; Gérard Lebrun [1930-1999], para a Filosofia Geral. Vieram também Jules Vuillemin [1920-2001], do Collège de France, para a Lógica e outros mestres que, de passagem, proferiram conferências na Faculdade, como Etienne Gilson [1884-1978].

Com estes professores colaboradores, diz Cruz Costa, o Departamento foi se diferenciando e produzindo novos especialistas nos diversos ramos da Filosofia. Começou, assim, a tomar uma feição mais especulativa. Entre os

novos elementos do Departamento destacaram-se José Arthur Giannotti [1930-], Bento Prado Jr. [1937-2007], Oswaldo Porchat Pereira (atualmente professor emérito da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP e da UNICAMP, e fundador do Departamento de Filosofia e do Centro de Lógica e Epistemologia da UNICAMP), João Paulo Monteiro e Marilena de Souza Chauí [1941-], que foram os que Cruz Costa conheceu até deixar, em 1965, a Faculdade.

Em seus cursos Cruz Costa sempre fazia referências a uma sucessão de modas filosóficas. Ele sustenta que a Filosofia no Brasil sempre foi um produto de importação. Na Colônia, a escolástica importada de Coimbra; no Império, o ecletismo; a seguir, o positivismo e o evolucionismo, que chegaram até a República. Depois, o neo-kantismo, um pouco de bergsonismo, muito ralo; o marxismo, o existencialismo e até Husserl, Hartmann e Heidegger. Mais recentemente, o estruturalismo. Até a fundação da Faculdade de Filosofia, o filoneísmo (entusiasmo por novidades) dominou nossa cultura. Era importante haver lido a obra mais recentemente publicada e, de preferência, no original. Mas não se indagava muito se o leitor *assimilava* o que lera. Assim, a *Filosofia*, como muito mais, era privilégio de raríssimas pessoas. Com o advento dos cursos regulares de Filosofia, a situação modificou-se em parte. Começamos então a nos vestir mais simplesmente, mais moderadamente, tendo em conta, por certo, a moda, mas sem os atavios e falsos luxos filoneístas. Fugir à moda não é fácil, mas vestir-se com exagero é ridículo.

Questionado com relação ao seu interesse pelo positivismo, tendo escrito “Augusto Comte e As Origens do Positivismo”, Cruz Costa responde que não é positivista, porém atraiu-lhe o fenômeno positivista no Brasil, que ele admite que deva ser ainda melhor estudado e que é

algo de estranho o seu aparecimento. Ele acredita que as razões que apresentou e que outros apresentaram não são suficientes.

Indagado sobre como o marxismo teria influenciado em suas preocupações, Cruz Costa redarguiu que é um homem de seu tempo e sofreu a influência da obra de Marx que, como ele já disse, começou a conhecer em Paris, ao mesmo tempo que começava a ler Freud. No entanto, ele não entende as filosofias como pontos fixos, imutáveis e invariáveis. Elas são marcos de referência na compreensão do homem e da vida, em vários momentos da história. O desfilar de doutrinas no correr da história é algo que ao mesmo tempo encanta e desencanta. O essencial na filosofia, não são as filosofias, mas o espírito que emana do encontro e desencontro das idéias.

Nos movimentos estudantis que culminaram em 1968, o Departamento de Filosofia da USP sofreu um sério questionamento por parte dos alunos e de alguns professores, sendo uma das críticas a seguinte: os professores pesquisadores em filosofia estariam condescendendo em uma atividade meramente acadêmica de produzir monografias sobre os filósofos, em trabalho que, embora formalmente rigoroso, pouco teria a ver com o genuíno exercício do espírito filosófico, que com isso acabaria se desvitalizando e se tornando incapaz de contribuir para a compreensão dos problemas filosóficos contemporâneos. Questionado sobre como ele viu essa crítica, Cruz Costa responde que, em primeiro lugar, não crê que o trabalho monográfico, que ele julga muito útil, pouco tem a ver com o genuíno espírito filosófico. Afinal, qual o critério para julgar se um trabalho ou outro de filosofia é genuíno? Caráter genuíno (próprio, verdadeiro, natural, exato, legítimo, puro) é dado pelo próprio trabalho e não há regras ou normas para ditá-lo. Ao questionamento referido, de acordo com Cruz Costa,

faltou espírito filosófico. Nos movimentos estudantis de 68, que se deram em toda parte, houve, como é sabido, muita paixão. E a paixão não se dá bem com a razão.

Cruz Costa afirma que as suas preocupações sempre foram com uma filosofia da cultura e, especialmente, com a filosofia política e, por isso, diz que estranhamente incorreu em pecados que nunca julgou estar cometendo. Para ele, a filosofia conduz à política, sendo esta o seu natural desembocadouro.

Indagado sobre como vê os seus trabalhos atualmente [meados da década de 1970], Cruz Costa assevera que eles são muito poucos e hoje tão velhos quanto ele. O seu propósito era trazer a reflexão filosófica ou crítica - e não as filosofias - para o desenrolar da vida brasileira, da qual ele acreditava - e ainda às vezes acredita - há de emergir uma cultura que nos seja própria, que caracterize o que somos no todo da cultura humana.

Questionado sobre se pudesse pensar hoje o curso de filosofia, que exigências formularia para ele, Cruz Costa argumenta que o que pode dizer é que um curso de filosofia pode ser iniciado de várias maneiras: pela matemática, pelas ciências, pela literatura, pela história. O essencial é que o estudante tenha gosto por aquilo que estuda e queira ir mais longe.

## **2.2 Prof. Newton da Costa<sup>6</sup>**

Newton Carneiro Affonso da Costa [16.09.1929-] é um lógico e filósofo brasileiro, nascido em Curitiba, Paraná.

---

<sup>6</sup> A abordagem das memórias do Prof. Newton da Costa, aqui realizada, fundamenta-se parcialmente em entrevistas concedidas a Abrahão (1991), Leite e Cesarotto (1985) e Plastino (1997), bem como em artigo de Krause (1990) e em palestra de Portela Filho (2009).

No tocante à filosofia, ele teve sua iniciação filosófica através da leitura de diálogos de Platão e diversos textos de Aristóteles, ambos em traduções francesas. Para isto ele contou com o apoio de seu tio Milton Carneiro, à época professor de História da Filosofia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

Atraído para a Filosofia, voltou-se para obras de autores tais como Descartes, Poincaré, Henriques, Lalande e outros. Entretanto, foi o filósofo inglês Bertrand Russell [1872-1970] que impactou fortemente o jovem Newton da Costa. Ainda que este discorde fundamentalmente de Russell como filósofo, o admira enquanto lógico, reformador social e ensaísta publicista.

Ele obteve três graduações pela Universidade Federal do Paraná, a saber: Engenharia Civil, pela Escola de Engenharia, em 1952; Bacharelado em Matemática, em 1955 e Licenciatura em Matemática, em 1956, ambos pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.

O prof. Newton da Costa é conhecido internacionalmente sobretudo como um dos criadores da Lógica Paraconsistente. Esta lógica não-clássica derroga o princípio de não-contradição, segundo o qual uma proposição não pode ser verdadeira e falsa, ao mesmo tempo e sob o mesmo aspecto, ou, alternativamente, dadas duas proposições contraditórias, uma delas é falsa.

A lógica paraconsistente pode fundamentar teorias inconsistentes (contraditórias), mas não triviais. Uma teoria dedutiva  $T$  diz-se inconsistente se ela contém pelo menos um teorema  $A$ , cuja negação  $\sim A$  é também um teorema. Caso contrário,  $T$  é consistente. Além disso, a teoria  $T$  chama-se trivial ou supercompleta se todas as proposições formuláveis em sua linguagem forem teoremas de  $T$ . Caso contrário,  $T$  diz-se não trivial. Certamente, as teorias triviais não tem interesse do ponto de vista lógico,

posto que nestas não se pode distinguir as proposições que são teoremas das que não o são.

Newton da Costa admite três motivos que o levaram aos estudos sobre a paraconsistência.

O primeiro foi que, desde jovem, teve diversos problemas de natureza psicológica, e sendo seu avô psiquiatra e sua mãe uma grande admiradora de Freud, ele foi levado naturalmente à teoria de Freud para ver se conseguia se curar. Interessou-se muito por seus discípulos, especialmente F. Alexander, cuja teoria ele conhece relativamente bem e procurou usá-la para se autocurar. Ademais, vários anos depois esteve em tratamento psicanalítico durante quatro anos. Com tal experiência, ele começou a perceber que, naquilo que ele pode chamar de discurso analítico, no sentido de diálogo entre a pessoa que está sendo psicanalisada e o psicanalista, certamente há contradições. Há também contradições em sonhos. Ele teve muitos sonhos que eram nitidamente contraditórios. Então ele pensou, fundamentando-se em alguns textos de Freud, se era possível formalizar um tal discurso.

O segundo motivo foi o seu interesse pela dialética, sobretudo por Marx. A filosofia marxista, ao menos em algumas de suas interpretações, admite a existência de contradições, assim como algumas interpretações de Hegel. E, assim, para verificar se era possível, de algum modo, formalizar alguns aspectos do pensamento dialético, foi que ele se preocupou com a paraconsistência.

O terceiro motivo foi que, desde jovem, dedicou-se à matemática, estudando sobretudo a teoria de conjuntos e certas dificuldades que nela apareceram no início do século XX, que são denominadas antinomias cantorianas, paradoxos cantorianos ou ainda contradições da teoria de conjuntos.

O prof. Newton da Costa apresentou o desenvolvimento de suas ideias em lógica em 1963, no seu trabalho intitulado “Sistemas Formais Inconsistentes”, como tese de cátedra em Análise Matemática e Análise Superior, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Federal do Paraná.

Note-se que em 1963 Newton da Costa empregou a expressão “sistemas formais inconsistentes”, pois na época não havia sido ainda elaborado o termo “lógica paraconsistente”. Este termo foi proposto pelo filósofo peruano Miró Quesada, e foi usado pela primeira vez em uma conferência proferida por este no Terceiro Simpósio Latino-Americano de Lógica Matemática, realizado na Universidade de Campinas, em 1976.

Newton da Costa teve que ser muito persistente, bastante perseverante, para poder desenvolver suas ideias, porquanto elas eram muito ousadas e heterodoxas. Durante vários anos foi considerado egocêntrico por admitir uma lógica que não exclui contradições.

De acordo com o professor Newton da Costa, atualmente a lógica paraconsistente está tão desenvolvida que ele não consegue seguir mais sua evolução. Ele recebe tantos trabalhos sobre o tema que não é possível acompanhá-los. Ele não quer mais trabalhar sistematicamente na lógica paraconsistente, mas pode assessorar outras pessoas, como no caso de psicanalistas que o procuram.

No que concerne à Filosofia da Ciência, Newton da Costa considera que ela possui três características mais gerais, a saber: 1) deve ser produto de uma obra coletiva, de caráter interdisciplinar, devido à alta complexidade das diversas disciplinas científicas, de cujo conhecimento depende qualquer posicionamento filosófico, para se evitar o risco de ser superficial; 2) é histórica, abordando a ciência somente em relação a um

determinado momento, de modo que no futuro o que vá ser entendido como ciência passa a ser algo inteiramente diferente do que ocorre hoje; 3) possui caráter não-linear, de sorte que os vários conceitos empregados pelo filósofo acham-se interligados, sendo mutuamente dependentes, o que torna uma exposição de uma concepção filosófica necessariamente imprecisa. Contudo, na medida em que a discussão se aprofunda, as peças vão gradativamente se encaixando e uma concepção geral pode ser nitidamente distinguida. (Cf. KRAUSE, 1990, p.119).

Apesar da diversidade de facetas de sua obra lógico-filosófica, a sua concepção filosófica da atividade científica, buscando entender a natureza e as limitações do ato de conhecer, confere unidade à diversidade de sua obra.

Saliente-se que em homenagem aos 80 anos do prof. Newton da Costa, foi realizado na UNICAMP, no período de 23 a 28 de agosto de 2009, o Evento "Science, Truth and Consistency", primeira reunião da "Académie Internationale de Philosophie de Sciences" no Brasil, conjuntamente com o CLE (Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência) da UNICAMP, sendo que no dia 25 de agosto ele recebeu o título de Professor Emérito da UNICAMP, em cerimônia no Centro de Convenções da Universidade.

Nessa ocasião diversos professores destacaram a importância do trabalho desenvolvido pelo prof. Newton da Costa, entre os quais selecionaram-se os quatro depoimentos (Cf. PORTELA FILHO, 2009) abaixo.

Décio Krause, professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Santa Catarina, admite que se pode dizer que a Lógica surge no Brasil com Newton da Costa, uma vez que os trabalhos anteriores

nessa área tinham quase exclusivamente caráter didático sem qualquer desenvolvimento original.

Elias Humberto Alves, professor aposentado do Departamento de Filosofia da Unicamp e professor da Faculdade São Bento, em São Paulo, sustenta que Newton da Costa é o maior lógico brasileiro, reconhecido internacionalmente, um dos grandes nomes da Lógica contemporânea pelos seus trabalhos em Lógica Paraconsistente.

Ítala D'Ottavianno, professora do Departamento de Filosofia da Unicamp, afirma que Newton da Costa é um dos cientistas brasileiros mais citados e homenageados em nível nacional e internacional. No entanto, não se limitou à pesquisa científica, mas também se dedicou à formação e orientação de muitos estudantes, hoje espalhados em várias universidades brasileiras, latino-americanas e nos demais continentes.

João Ricardo Moreno, professor do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e presidente da Academia Brasileira de Filosofia assevera que Newton da Costa é modelo de inspiração para as gerações de hoje e do futuro.

### **2.3 Profa. Marilena Chauí<sup>7</sup>**

No que tange a sua formação intelectual, a profa. Marilena Chauí [Pindorama, São Paulo, 1941-] fala um pouco sobre o colegial, atual ensino médio, devido à relevância da Filosofia nesse nível de ensino.

---

<sup>7</sup>Fundamenta-se aqui na Entrevista concedida pela profa. Marilena Chauí à revista Trans/Form/Ação. Marília, v.5, p.5-34, dez.1982.

É, eu gostaria de falar um pouquinho sobre o colegial, por causa da importância do curso de Filosofia no 2.º grau, só por esta razão. Fiz o colegial numa escola pública em São Paulo, considerada na época das melhores do país, o Colégio Presidente Roosevelt [...]

Ela admite que quatro professores foram decisivos para sua trajetória intelectual:

- a) a professora de literatura, que iniciou os alunos através de Carlos Drummond e de Guimarães Rosa, provocando um impacto imenso;
  - b) a professora de História, que fez os alunos lerem Caio Prado Jr., gerando uma verdadeira revolução a descoberta da História do Brasil através da obra deste historiador;
  - c) a professora de latim, com quem se aprendia a ter um aguçada sensibilidade para questões de linguagem lendo Cícero e Virgílio;
  - d) e a figura fundamental do professor de filosofia.
- No que tange à influência deste, argumenta ela:

Esse professor entrou na classe do 1.º ano colegial, portanto, numa classe de jovens entre 15 e 16 anos e, sem nenhuma introdução, expôs Heráclito e, em seguida, Parmênides. Fiquei absolutamente fascinada, não tanto porque eu fosse capaz de compreender o significado do que estava sendo exposto, mas por ver, pela primeira vez e em estado puro, o pensamento funcionando. A idéia de que o pensamento trabalha, e trabalha num registro que destrói todas as certezas visíveis, imediatas, foi uma descoberta espantosa. Sobretudo o modo como o professor apresentou os filósofos. Era inconcebível que tudo pudesse ser movimento, pois a sensação da permanência é muito forte

e, de repente, alguém, através exclusivamente da operação intelectual, demonstra que tudo é movimento e quando você começa a se convencer dessa mobilidade, você descobre que o pensamento é capaz de trabalhar no sentido inverso e provar que a verdade é a identidade, a imobilidade. Demorou muito tempo para que eu pudesse saber o que isso queria dizer, mas o fascínio, na época, foi descobrir o trabalho do pensamento. Foi decisivo para mim.

No tocante a sua decisão de prestar vestibular para o Curso de Filosofia, a profa. Marilena Chauí assevera:

Houve um tempo em que eu havia pensado em fazer Letras, mas a descoberta da Filosofia mudou meu rumo. À medida que os conteúdos eram trabalhados (tivemos um curso de lógica aristotélica e um curso de história da filosofia, centrado em Sócrates e nos sofistas), as questões existenciais vieram. Tanto as questões religiosas como as questões políticas, que vieram por si mesmas, sem que em instante algum o professor João Villalobos tivesse estabelecido para nós correlações, relações desse tipo com tudo aquilo que surgia nas aulas. Era uma maneira que ele tinha de oferecer a filosofia que incentivava os alunos a trabalharem sozinhos, a partir do que ouvíamos. Por isso fui fazer Filosofia.

Quanto ao curso de graduação em Filosofia na USP e ao início da atividade docente também nesta universidade, a profa. Marilena Chauí sustenta que:

Minha experiência foi a de um curso de Filosofia que ampliava os motivos pelos quais eu tinha ido para a faculdade. As questões sobre o funcionamento do pensamento, sobre o trabalho das idéias, sobre a relação da filosofia com os problemas políticos e com os problemas pessoais (embora essa relação nunca fosse explicitamente colocada nos cursos), tudo isso era suscitado pelos cursos. Evidentemente, acho que saí do 4.º ano de filosofia com o mesmo sentimento que todo estudante de Filosofia provavelmente tem, isto é, o da dispersão, da fragmentação, a impressão de que, no fundo, você foi informado de muitas coisas, aprendeu certos jeitos de trabalhar, mas não sabe muito bem como coordenar ou unificar tudo aquilo. No meu caso particular, a experiência como professora de Filosofia num curso secundário foi muito importante, assim como foi muito importante porque foi a primeira possibilidade que tive para, sozinha, começar a reunir o que eu havia recebido na faculdade e organizar a minha própria maneira de trabalhar. Acho que não seria possível generalizar, mas no meu caso particular, os instantes de sistematização, de avaliação do significado do trabalho filosófico sempre me vieram através do trabalho como professora mais do que através dos meus primeiros exercícios acadêmicos como o mestrado e o doutoramento. Penso que um trabalho como o da minha tese de livre-docência, e depois os pequenos textos e conferências que tenho feito, são muito mais resultado de eu ter sido e ser professora de filosofia. Para mim, a filosofia tem uma tamanha relação com o falar e o ouvir, tem uma tamanha dimensão de diálogo, de conversa, que é muito por aí que surgem depois as minhas coisas escritas. De alguma maneira, minhas leituras e as leituras que irão desembocar em alguns escritos nascem porque foram antecedidas de conversas. Conversas que suscitaram o desejo, a necessidade ou a importância de ler e de escrever.

A profa. Marilena Chauí menciona alguns docentes que mais a influenciaram em sua formação na USP:

As figuras do [Gérard] Lebrun, como professor exemplar, e do Bento Prado [Jr.], como o dialogador exemplar, foram decisivas para mim. As aulas do Lebrun e do Bento, que se prolongavam além das salas de aulas (e tinham seus momentos mais altos fora das salas de aulas), marcaram meu modo de me relacionar com a filosofia. Embora eu tenha sido aluna de muitos outros professores e tenha profunda admiração pelo [Michel] Debrun, pelo [João] Cruz Costa, pelo professor Lívio [Teixeira] [...] acho que as figuras marcantes foram as do Lebrun e do Bento. E a do Bento permanece para sempre, como um horizonte. Depois, já como professora no Departamento, foi grande a importância de Maria Sylvia [Carvalho Franco], que me trouxe algo que eu buscava e era incapaz de encontrar: a possibilidade de perceber a articulação entre Filosofia e História, Filosofia e Política. A presença de Maria Sylvia significou uma virada na minha atividade. Maria Sylvia não tem contemplação, critica até o fim e, no meu caso em particular (como tenho tendências masoquistas), essa crítica não é paralisadora, pelo contrário, é de grande estímulo. Evidentemente, a pessoa mais importante em minha formação é Claude Lefort, não só pela radicalidade de seu pensamento e pela novidade fecunda de tudo quanto ele escreve, mas também pela relação apaixonada com a filosofia que ele herdou de Merleau-Ponty. Aliás, eu conhecia Lefort justamente porque meus primeiros trabalhos foram sobre Merleau-Ponty.

Após efetivar uma avaliação geral de sua formação, a profa. Marilena Chauí concede que:

De alguma maneira, acho que há uma certa continuidade na minha formação, embora marcada por pessoas muito diferentes na sua produção, na sua relação com a política e com a Universidade. Foi um caminho no qual fui descobrindo, de maneira muito lenta, o lastro histórico da filosofia, a dimensão crítico-política da filosofia, a natureza específica da filosofia enquanto escrita e leitura, enquanto discurso e livro.

## **2.4 Professores de Filosofia do Maranhão**

Dentre os professores de filosofia do Maranhão, apresentamos os depoimentos de um que foi aluno da primeira turma do curso, de uma professora que foi aluna da segunda turma e, finalmente, do autor desse artigo.

### **2.4.1 Prof. José Maria Ramos Martins<sup>8</sup>**

Nasceu na cidade de Timon, Maranhão, quando ainda se chamava São José das Flores, ou simplesmente Flores, no dia 27 de março de 1920.

Terminado o Curso de Direito fez concurso para o serviço público e, concomitantemente, começou a advogar.

No que tange à criação da Faculdade de Filosofia de São Luís, assevera o prof. José Maria (FARIA e MONTENEGRO, 2005, p.343):

Na década de cinquenta, Dom [José de Medeiros] Delgado [1905-1988], arcebispo de São Luís [de 1951 a 1963], um homem extremamente atuante,

---

<sup>8</sup>Cf. FARIA e MONTENEGRO, 2005, p.323-366. Fundamentado em Entrevista realizada nos dias 24 de julho, 27 de agosto e 25 de setembro de 1999.

e a Academia Maranhense de Letras, com Clodoaldo Cardoso [1894-1971] na Presidência, Mário Meireles [1915-2003] e outros que faziam parte da Diretoria, convergiram os seus esforços para que se criasse no Maranhão uma Faculdade de Filosofia. O Arcebispado contribuiu com os professores propriamente de Filosofia, porque os padres a estudaram nos seminários; os outros professores, a Academia os foi conseguindo para os diversos cursos: de História e Geografia, de Letras, de Pedagogia e de Filosofia. Havia muita gente boa em São Luís, que podia ensinar nesses cursos. Assim, com essa confluência de esforços, se criou a Faculdade de Filosofia de São Luís.

A respeito de sua entrada como discente no curso de Filosofia e do ambiente de estudo, relata o Prof. José Maria (FARIA e MONTENEGRO, 2005, p.344):

Já formado em Direito e pretendente ao magistério superior na Faculdade de Direito, fiz o vestibular para o Curso de Filosofia. Foi uma experiência gratificante, porque, embora se tratasse de uma Faculdade nova, que estava, portanto, no começo, os professores eram muito dedicados. Fui da primeira turma [1953], com excelentes colegas e professores. Os temas mais importantes eram debatidos em seminários, seguidos de estudo em grupo das obras básicas. O ambiente de estudo, no Curso de Filosofia, era estimulante. Acredito que nos outros cursos [da Faculdade de Filosofia], ocorresse o mesmo; os alunos estavam realmente interessados em estudar e aprender, e não apenas em obter diploma. O interesse era pelo conhecimento. E, isso, efetivamente, fez o curso crescer no conceito público.

No que concerne à contribuição dos professores do Curso de Filosofia para a sua formação filosófica assim como para o alargamento de sua visão da Ciência do Direito, diz o prof. José Maria (FARIA e MONTENEGRO, 2005, p.344):

Durante o Curso, tive oportunidade de estreitar amizade com o professor Bacelar Portela, que reputo dos mais competentes que tive no ensino superior. As novas gerações o devem ter conhecido, pelo menos, de nome. Era médico, operava quase diariamente, e também homem de cultura geral fabulosa. No Curso de Filosofia, foi professor de Psicologia; noutros cursos, ensinou Fisiologia, Física, além de dominar muito bem a Matemática. Quando saíamos da aula, formávamos um pequeno grupo na Praça Gonçalves Dias. Ficávamos conversando mais tempo na praça, que dentro da sala de aula. [...] Foi ele quem, sem o pretender, me direcionou para os novos rumos dos estudos jurídicos. [...] Eram dessa categoria os mestres da Faculdade de Filosofia, em sua fase inicial [...] José de Ribamar Carvalho [1923-1972], cônego e, mais tarde, reitor da Universidade, jovem e talentoso professor da Faculdade de Filosofia, nos acompanhou o curso durante quatro anos. O cônego [Antônio Bezerra] Bonfim [1923-1965], que chegou a ser diretor da Faculdade [de Filosofia], era outro grande professor de Ética e Estética. Todos eles contribuíram para que eu passasse a ter uma visão sociológica e filosófica, que me permitiu uma espécie de abertura no campo dos estudos jurídicos; não mais aquela visão estreita, legalista, própria do profissional de Direito, que invoca diariamente a legislação e a jurisprudência dos tribunais, com vista à sua aplicação.

Quanto ao desenvolvimento da Faculdade de Filosofia e à fundação da UFMA, afirma o prof. José Maria (FARIA e MONTENEGRO, 2005, p.345):

A Faculdade de Filosofia cresceu rapidamente, chegando a ter onze cursos, quando já fazia parte da UFMA. Dentro da Faculdade, fui-me enfronhando e participando de sua administração e acabei, sem que isto estivesse nas minhas cogitações, diretor da mesma, em razão da morte do cônego Bonfim, então seu diretor, e permaneci nessa função durante sete anos. Nos três primeiros anos, integrava a Universidade Católica; nos quatro anos restantes, passou a fazer parte da Universidade Federal, formada pela fusão da [Universidade] Católica com as faculdades federais de Direito, Farmácia e Odontologia, acrescida, mais tarde, da de Economia. Isso aconteceu em [21 de outubro de] 1966, quando houve a junção de todas as escolas superiores para formar a Universidade Federal do Maranhão. Daí por diante, a Universidade se desenvolveu celeremente, em razão dos recursos que lhe foram destinados, chegando ao que é nos dias atuais [...]

No que se refere à expansão do ensino superior no Maranhão, argumenta o prof. José Maria (FARIA e MONTENEGRO, 2005, p.345) que:

Hoje [1999], temos uma universidade federal, uma estadual, o CEUMA, e várias outras instituições de ensino superior em fase de organização. E é de notar que esse crescimento se estendeu ao interior do Maranhão, onde não existia absolutamente nada, onde era difícil até encontrar escolas de Ensino Médio; lá um ou outro município é que tinha Ensino Médio. Atualmente, há cursos superiores em diversos municípios. Em Imperatriz, por exemplo,

há uma efervescência de cursos, suficientes para compor uma Universidade. Falam até na Universidade do Vale do Tocantins, com sede em Imperatriz. Do ponto de vista cultural, operou-se extraordinária mudança no Maranhão. Mudança de mentalidade dos professores, dos estudantes e da própria comunidade.

No tocante a seu ingresso como professor na Faculdade de Direito e na Faculdade de Filosofia e a suas atividades docentes e administrativas, sustenta o prof. José Maria (FARIA e MONTENEGRO, 2005, p.345-346) que:

Meu trabalho como professor foi extremamente gratificante. Ingressei na Faculdade de Direito como professor interino da primeira cadeira de Direito Penal e livre-docente de Introdução à Ciência do Direito. A primeira turma que ensinei na Faculdade de Direito concluiu o curso em 1960 e me escolheu para paraninfo, por ter sido eu o professor calouro, que ingressou exatamente com essa turma. Denominou-se Brasília, em homenagem à nova capital do País. [...] Depois que terminei o Curso de Filosofia, passei a ensinar também na Faculdade de Filosofia. Meu contato com os estudantes se estreitou ainda mais, porque, além de ensinar, fui também diretor. Houve tempo em que a Faculdade de Filosofia tinha quase mil alunos, que me procuravam com os mais diversos problemas.

O prof. José Maria Ramos Martins foi reitor da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) no período de 1975 a 1979.

<sup>9</sup> Cf. Faria e Montenegro, 2005, p.33-46. Fundamentado em Entrevista realizada no dia 15 de janeiro de 1999.

#### 2.4.2 Profa. Alcina da Luz Santos Ferreira<sup>9</sup>

Nasceu em São Luís no dia 24 de julho de 1924 e faleceu no dia 21 de dezembro de 2010.

No que concerne a sua entrada como aluna do Curso de Filosofia, a profa. Alcina (FARIA e MONTENEGRO, 2005, p.39) assevera que:

Escolhi o Curso de Filosofia entre as várias opções. Poderia ter escolhido Direito, Farmácia, Odontologia, Serviço Social, Línguas Neolatinas, Pedagogia, História e Geografia, mas sempre me senti atraída pela especulação, e a Filosofia que questiona o mundo, o homem e o Ser Superior foi sempre o que eu desejei. Queria questionar, não por questionar, pois, no meu entender, a pessoa humana só domina o assunto a que se dedica, que estuda, com relativa profundidade, porque absoluto só Deus. De onde vim? Para onde vou? Qual o meu papel neste mundo, como ser inteligente e livre, porém limitado e finito? Eram perguntas que me direcionavam para a Filosofia. Graças a Deus fiz o vestibular para a Faculdade de Filosofia de São Luís e fui aprovada. Era a segunda turma daquela Faculdade e eu estava feliz.

No que tange à Faculdade de Filosofia e a seus docentes, diz a profa. Alcina (FARIA e MONTENEGRO, 2005, p.39-40):

A Faculdade de Filosofia, recentemente criada por um convênio entre a Fundação Paulo Ramos e a Arquidiocese de São Luís do Maranhão—sendo arcebispo Dom José de Medeiros Delgado, logo ganhou a confiança do povo maranhense. Os professores eram excelentes: competentes, pontuais, assíduos, enérgicos, mas educados. Tinham um ideal que conseguiram passar aos seus discípulos: o de trabalhar com entusiasmo, dando cada um tudo de si mesmo para que num

futuro próximo fosse criada uma Universidade, com vários cursos de muita credibilidade [...] Os alunos, num clima de paz e solidariedade, amavam sua Faculdade e se deslumbravam com a sabedoria dos professores nas disciplinas ministradas. Cada professor deixou algo de positivo para a vida. Tenho receio de citar nomes e omitir pessoas importantes no magistério, naquele momento histórico. Citarei apenas alguns nomes dos mestres da Filosofia, a fim de que os filósofos [...] relembrem nossos primeiros passos na tão querida Faculdade de Filosofia de São Luís. O padre Aluísio Deina Gosch, jesuíta, ministrava a disciplina História da Filosofia, e transmitia com uma clareza singular, mas exigia que o aluno estudasse muito; o frei Alberto Mersmann [06.01.1912-22.04.1978, frei franciscano, professor do Departamento de Filosofia da UFMA e do Centro Teológico do Maranhão (CETEMA), atual IESMA, cujo nome é dado à Biblioteca do IESMA, e que, se vivo estivesse, teria celebrado em 2012 o seu centenário de nascimento], de Metafísica e Psicologia Educacional, alemão, que em pouco tempo dominou a língua portuguesa e tinha uma cultura invejável, no bom sentido; o padre Zezinho, um italiano de baixa estatura que até dramatizava para entendermos melhor a Ontologia; o cônego Ribamar Carvalho, um professor de uma inteligência e preparo indiscutíveis, muito humano porque não se preocupava apenas em informar, mas em formar cada futuro professor com responsabilidade e amor pela profissão e pela pessoa do aluno, cuja personalidade não deveria ser deformada; o cônego Bonfim, com a grande preocupação de formar o homem integral numa sociedade que lhe desse condições de desenvolver as várias dimensões humanas; o monsenhor Santana, professor de Cosmologia, [...] o Dr. Bacelar Portela e o Dr. Sebastião Ferreira, médicos que ministravam Psicologia Experimental [...]

A respeito da importância do Curso de Filosofia e das correntes filosóficas afirma a profa. Alcina (FARIA e MONTENEGRO, 2005, p.40-41) que:

O Curso de Filosofia é belíssimo. É impossível numa entrevista mostrar como foi maravilhoso conviver com os representantes da Filosofia Antiga, da Filosofia Cristã, da Filosofia Medieval, da Filosofia Moderna, da Filosofia Contemporânea, da Filosofia no Brasil, mas posso dizer aos jovens que a Filosofia não é encontrada pronta nas lojas, porém, quem consegue pelo menos aprender a refletir é mais feliz do que os que falam e agem sem pensar [...] Todas as correntes filosóficas têm o seu valor porque revelam o contexto de sua época, e assim sabemos qual a preocupação maior dos pensadores naquele momento histórico. Hoje, que o pragmatismo e o utilitarismo predominam e que o pensar está voltado para o ter, e que o homem de tanto se preocupar com o ter se esqueceu de ser homem, de ser solidário, de ser fraterno e até mesmo de ser gente, algumas pessoas dizem que Filosofia como tal não dá dinheiro, não tem valor. Esquecem-se de que a Filosofia coloca a pessoa diante da realidade, ensina a refletir, a viver e conviver com o outro, a descobrir a importância do outro, porque 'homem algum é uma ilha'; ajuda também na descoberta dos nossos limites, a termos maior complacência conosco e com as pessoas que nos cercam, porque somos todos limitados.

Quanto ao ingresso na atividade docente e ao exercício da mesma, sustenta a profa. Alcina (FARIA e MONTENEGRO, 2005, p.41-42) que:

Ainda estudante, fui assistente de frei Alberto Mersmann e de monsenhor Santana. Não tinha remuneração e os professores escolhiam os alunos que tivessem disponibilidade e bom aproveitamento de modo geral. O assistente daquela época corresponde ao atual monitor. [...] Ingressei no magistério superior na Faculdade de Filosofia em 1960 [...] Exercer o magistério, foi para mim uma grande experiência e também uma realização pessoal, apesar dos muitos obstáculos em vários aspectos. Tive a oportunidade de dar tudo de mim mesma nessa bela profissão, e de receber dos alunos que ao mesmo tempo que crescem no saber, nos estimulam a nos aprofundar, e nessa troca nos tornamos efetivamente mais fortes, mais animados para lutar no sentido de que todos consigam caminhar e desenvolver suas potencialidades. Apesar de ser um trabalho edificante- essa verdade é incontestável-, os professores são pouco valorizados, especialmente na nossa área, porque além de acharem que Filosofia não dá dinheiro, parece haver um interesse de que as pessoas não reflitam, e continuem dando lugar de destaque aos astutos. Os inteligentes buscam a verdade, que nos libertará de nossas limitações, dando a cada um o que lhe é devido, e os astutos ficam detidos na satisfação dos seus próprios interesses. Em todo trabalho que executo até hoje, tenho o cuidado de dosar responsabilidade, rigor de que trata a Filosofia e amor [...]. E na sala de aula não poderia ser diferente. Procurava dar a disciplina enfocando o essencial, num clima de simplicidade e serenidade, em que os alunos se sentissem à vontade para questionar, dialogar, e a aprendizagem fosse uma realidade, num mundo tão atribulado, em que todos correm e a maioria nem sequer sabe aonde quer chegar. Sinto-me satisfeita por ter participado

da construção da UFMA, e do seu crescimento, e feliz porque muitos alunos da nossa Universidade prosseguiram nos estudos e hoje são profissionais capacitados, pessoas humanas realizadas e respeitadas. Apesar do Curso de Filosofia ter enfrentado muitas dificuldades, acredito que se eu tivesse de optar hoje, a minha escolha seria Filosofia, e novamente ingressaria no magistério.

#### 2.4.3 Prof. Raimundo Nonato Araujo Portela Filho<sup>10</sup>

Nasci em Parnaíba, Piauí, em 21.04.1955, sendo filho de pais maranhenses.

Além da memória pessoal, foi de fundamental importância para o relato e o resgate de alguns acontecimentos relevantes da história do Curso de Filosofia da UFMA, a consulta a dois livros de atas das Assembléias Departamentais. O primeiro livro de atas consultado tem 50 folhas, iniciando-se com a ata do dia 20.03.1980 e terminando com a ata de 02.04.1981. O segundo livro de atas, continuidade do primeiro, consta de 100 folhas, sendo a primeira ata datada de 09.04.1981 e a última datada de 25.10.1985. Assim, os dois livros de atas juntos, com um total de 150 folhas, cobrem um período de cerca de cinco anos e sete meses.

##### 2.4.3.1 Aspectos de Nossas Atividades Docentes na UFMA

Fui aprovado em processo seletivo para o cargo de professor colaborador do Departamento de Filosofia da UFMA, que hoje corresponde ao cargo de professor

<sup>10</sup>Parcialmente fundamentado em PORTELA FILHO, Raimundo Nonato Araujo. **Tempo e memória:** aspectos históricos do Curso de Filosofia da UFMA. São Luís, 2011. 21p. (Palestra proferida na XX Semana de Filosofia da UFMA em 2011). E para maiores detalhes curriculares do autor cf: <<http://lattes.cnpq.br/3364078189460980>>.

substituto, tendo sido admitido em 01.03.1980 e fui aprovado em Concurso para Ingresso na Carreira do Magistério Superior na UFMA, realizado no período de 18.02 a 24.02.1981.

A minha primeira participação em Assembléia Departamental como professor do DEFIL ocorreu no dia 20 de março de 1980, 19 dias após ser admitido como professor colaborador. Presidiu essa Assembléia a subchefe de Departamento, profa. Nady Moreira Domingues da Silva, visto que a chefe, profa. Maria de Jesus Medeiros Muniz e Silva, encontrava-se ministrando aulas no Campus da UFMA em Imperatriz. Note-se que atualmente não existe mais a figura de subchefe de Departamento na UFMA. Além da profa. Nady, estiveram presentes nessa Assembléia os seguintes professores, em ordem alfabética: 2 Alcina da Luz Santos Ferreira, 3 Angel Vega Rodriguez, 4 João Correia Tavares, 5 José de Ribamar Castro, 6 Manoel da Penha Oliveira, 7 Maria Victória Borges Díaz de Sousa, 8 Marília Lameiras Pinto, 9 Raimundo Nonato Araujo Portela Filho e 10 Sofia da Graça dos Santos (Cf. Ata da Assembléia Departamental de 20.03.1980, Livro 1, fl.1).

À fl.3 da Ata dessa Assembléia está registrado:

Tendo em vista o Simpósio Nacional da SEAF (Sociedade de Estudos e Atividades Filosóficas) juntamente com a Reunião da SBPC (Sociedade Brasileira Para o Progresso da Ciência), em julho [de 1980], no Rio de Janeiro, e o Simpósio de Ética, em setembro, no Paraná, apresentaram-se candidatos às passagens e diárias a serem fornecidas pela Universidade. Havendo possibilidade apenas para quatro passagens e tendo-se apresentado maior número de interessados procedeu-se à votação [...] Ficaram designados portanto a profa. Maria Victória

e o prof. Portela para participarem da reunião SEAF/SBPC e a profa. Marília e o prof. João Tavares para o de Ética.

Vale lembrar que essa Reunião Anual da SBPC, em julho de 1980, no Rio de Janeiro, foi a 32<sup>a</sup>. Reunião Anual e a nossa primeira participação em reuniões da SBPC. Quinze anos depois, em 1995, foi realizada em São Luís, no Campus da UFMA, a 47<sup>a</sup>. Reunião Anual da SBPC, da qual participamos com a apresentação de uma Comunicação Oral intitulada “Sobre a Tese de Church” e também ocupávamos na época a chefia do Departamento de Filosofia da UFMA. Ademais, orientamos o aluno do Curso de Filosofia Cristiano Capovilla, atualmente professor de Filosofia do Colégio Universitário (Colun) da UFMA, no trabalho que ele apresentou nessa 47<sup>a</sup>. Reunião Anual da SBPC, intitulado “Fundamentos Epistemológicos da Mecânica Quântica”. De 1998 até o presente temos participado ininterruptamente das reuniões da SBPC com a apresentação de trabalhos elaborados juntamente com minha esposa, a professora Carmem Maria Almeida Portela, que tem sido o meu grande estímulo e suporte desde que nos conhecemos. Cabe destacar que dezessete anos após a 47<sup>a</sup>. Reunião da SBPC de São Luís, a saber, no ano de 2012, foi realizada, de 22 a 27 de julho, a 64<sup>a</sup>. Reunião Anual da SBPC, novamente nesta cidade, no Campus da UFMA, ano do quarto centenário de fundação da cidade de São Luís. Neste Evento apresentamos, juntamente com a profa. Carmem, o trabalho intitulado “Aspectos Histórico-Filosóficos da Tecnologia”.

Na Assembléia Departamental do dia 17.04.1980 foi abordado o falecimento do filósofo existencialista e escritor francês Jean-Paul Sartre [21.06.1905- 15.04.1980], que ocorreu dois dias antes da realização dessa Assembléia. A este respeito, diz a Ata da aludida reunião (Livro 1, fl.6):

Várias opiniões foram emitidas para lembrar o evento, prevalecendo, entretanto, a idéia de celebrar um painel, onde a matéria a ser comentada e discutida fosse a última entrevista que o filósofo concedeu a um jornal francês. Essa entrevista seria previamente fornecida aos professores para informação do seu conteúdo. [...] A profa. Marília ficou incumbida de enviar, em nome do Departamento, uma carta de condolência[s] à Academia Francesa de Letras, da qual o filósofo era figura relevante.

Na Assembléia Departamental Extraordinária do dia 04.06.1980 (Livro 1, fl.15) estiveram presentes os professores: 1 Angel Vega Rodriguez, 2 Elza Maria Brito Patrício, 3 José de Ribamar Castro, 4 Manoel da Penha Oliveira, 5 Maria de Fátima Teixeira Bandeira, 6 Maria de Jesus Medeiros Muniz e Silva (presidente da Assembléia), 7 Maria do Amparo Lago e Cruz, 8 Marília Lameiras Pinto, 9 Nady Moreira Domingues da Silva, 10 Raimundo Nonato Araujo Portela Filho e 11 Sofia da Graça dos Santos. Além dos monitores Manuel Ventura Campos dos Santos e Benedito Coelho Nunes. Nessa Assembléia (Livro 1, fl.15):

Foi colocada em discussão a reforma do currículo do Ciclo Básico e a Assembléia Departamental endossou a sua proposta já enviada pelo Departamento de Filosofia em outubro de 1979, quando do início dos trabalhos. Foi escolhido o Prof. Raimundo Nonato Araujo Portela Filho como representante do Departamento de Filosofia na Assembléia a ser realizada, ainda este mês [junho de 1980], no Centro de Estudos Básicos [atual Centro de Ciências Humanas] para definir o ante-projeto do novo currículo.

A Ata da Assembléia Departamental Extraordinária de 02.04.1981 (Livro 1, fl. 49) registra que: “[...] a profa.

Elza avisou à Assembléia Departamental a respeito de palestra a ser proferida pelo Prof. Raimundo [...] Portela Filho no dia 15 de abril do corrente ano, versando sobre o tema Filosofia, Ciência e Sociedade.”

Saliente-se que a Prof<sup>a</sup>. Elza Maria Brito Patrício empenhou-se firmemente na luta pelo retorno da disciplina Filosofia ao 2º Grau (atual Ensino Médio), assim como pela sua implementação no 1º Grau (atual Ensino Fundamental), juntamente com outros professores do DEFIL/UFMA.

Relata a Ata da Assembléia Departamental de 29.04.1982 (Livro 2, fl. 27) que: “A profa. Nady informou o término do tempo de ensino da disciplina Filosofia das Ciências. O prof. Portela manifestou seu interesse em ensinar a referida disciplina.”

Informa a Ata da Assembléia Departamental de 17.08.1984 (Livro 2, fl. 66) “[...] o falecimento [...] do filósofo francês, de grande penetração no Brasil, Michel Foucault [Poitiers, 1926- Paris, 25.06.1984].”

A Ata da Assembléia Departamental de 22.02.1985 (Livro 2, fl. 85) relata que: “O Sr. Presidente [Prof. Mário Cella] abriu a sessão felicitando o Prof. Raimundo Nonato Araujo Portela Filho pela sua aprovação na seleção para o Curso de Mestrado [em Filosofia na Universidade Federal da Paraíba] [...]”

Registra a Ata da Assembléia Departamental Extraordinária de 11.10.1985 (Livro 2, fl. 98) que: “[o prof. Mário Cella] fez alguns esclarecimentos a respeito da palestra do prof. Matthew Lipman, que versará sobre ‘Filosofia da Criança’, que será realizada hoje [dia 11] às 20 horas, no auditório Jarbas Passarinho [atual Auditório Central]”. Essa Ata também registra a apreciação do Relatório Semestral de Avaliação do Curso de Mestrado do Prof. Raimundo Nonato Araujo Portela Filho.

Concluí o Curso de Mestrado em Filosofia, área de

Lógica e Filosofia das Ciências, em 1990.

No que tange à atividade docente, sempre gostei de ministrar aulas. A minha primeira experiência como professor ocorreu informalmente aos 15 anos, quando estava na 8ª série do curso ginásial [ 9ª série do ensino fundamental atualmente], e alguns colegas de classe, com dificuldades em matemática, pediram-me para eu ministrar aulas dessa disciplina a eles.

Ao decidir prestar vestibular para o Curso de Filosofia, eu já tinha o propósito de seguir a carreira acadêmica e futuramente submeter-me a concurso para ingresso na carreira do magistério superior.

Desde o início de minhas atividades docentes tenho como objetivo que cada discente leia e pesquise o máximo que ele puder durante o período de ministração de uma dada disciplina. Assim, fico muito contente e realizado em minha profissão, sempre que eu percebo a dedicação, o interesse, o processo de busca de conhecimento e de aperfeiçoamento do aluno. E procuro incentivar, estimular também os discentes que por alguma razão não se envolvem tão intensamente no processo de estudo e pesquisa.

Tenho, ademais, orientado alunos em Programas de Iniciação Científica [PIBIC], Monitorias e Trabalhos de Conclusão de Curso de Graduação e de Pós-Graduação.

Já ministrei na UFMA, ao nível de graduação, as disciplinas Lógica, Filosofia das Ciências Naturais, Filosofia das Ciências, Metodologia Científica, Introdução à Filosofia, História da Filosofia Moderna, Filosofia da Linguagem e Filosofia da Mente. Ao nível de pós-graduação ministrei as disciplinas Metodologia da Pesquisa, Metodologia da Pesquisa Filosófica e Filosofia da Linguagem.

Alguns artigos elaborados conjuntamente com a profa. Carmem Maria Almeida Portela foram publicados

na Revista “Cadernos de Pesquisa”, publicada pela Pro-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade Federal do Maranhão e na Revista “Ecos do IESMA”, publicada pelo Instituto de Estudos Superiores do Maranhão.

Um Evento relevante para a História do Curso de Filosofia da UFMA é a realização das Semanas de Filosofia. A I Semana de Filosofia foi realizada no período de 13 a 17 de outubro de 1981, da qual participamos como membro da Comissão Organizadora. No ano de 2011 foi realizada a XX Semana de Filosofia. A Semana de Filosofia deixou de ocorrer nos seguintes anos: 1985, 1990 a 1994, 1999, 2001 a 2003, 2005 e 2012.

#### 2.4.3.2 Cursos de Pós- Graduação Latu Sensu (Especialização) em Filosofia na UFMA

De 1980 até o ano de 2012 foram promovidos pelo DEFIL/UFMA 6 cursos de especialização, a saber: 1- Filosofia Contemporânea (1980-1981), 2- Metodologia da Pesquisa Filosófica (1982-1984), 3- Filosofia da Natureza e da Sociedade (1985-1986), 4- Filosofia Contemporânea (1996-1998), 5- Filosofia Política (2009-2010) e 6- Estética (2011-2012).

Participei como aluno dos dois primeiros cursos de especialização e fui professor do quarto curso de especialização acima mencionado.

Está prevista, para o período 2013-15, a realização de um Curso de Especialização em Lógica e Ciências Cognitivas, no qual ministrarei uma disciplina de Lógica abordando os teoremas de incompletude de Gödel.

#### 2.4.3.3 A Situação Presente e Algumas Reflexões Sobre o Futuro do Curso de Filosofia da UFMA

Após este resgate histórico de aspectos da minha

trajetória no curso de Filosofia da UFMA como professor, assim como da trajetória do próprio Curso de Filosofia, teceremos algumas considerações quanto à situação atual e às perspectivas do Curso de Filosofia da UFMA.

Até o presente, o DEFIL tem promovido e oferecido:

- a) Curso de Graduação em Filosofia, ao nível de Licenciatura;
- b) Cursos de Extensão;
- c) Disciplinas, ao nível da graduação, para outros cursos da UFMA, tais como: Lógica, Metodologia Científica, Filosofia das Ciências, Introdução à Filosofia, Filosofia, Ética, Deontologia Profissional e Estética;
- d) Cursos de Atualização;
- e) Cursos de Especialização, tendo ocorrido de 1980 até 2012 seis cursos de especialização, como já exposto.

Tem sido relevante também a formação de diversos grupos de estudos e de pesquisa ao longo dos anos. Atualmente, sou integrante do Grupo de Estudos em Lógica e Filosofia Analítica.

Prevejo que em um futuro bem próximo o Departamento de Filosofia da UFMA terá plenas condições de constituir um Curso de Mestrado em Filosofia, tendo em vista o incremento de mestres e de doutores, assim como o aumento da produção científica docente.

A implantação de um Curso de Mestrado provocará melhorias na graduação de Filosofia, estimulará a procura de vestibulandos para fazer o Curso de Graduação e, posteriormente, fazer seleção para realizar o Curso de Mestrado. Além disso, desencadeará um grande

intercâmbio entre o Curso de Filosofia da UFMA e Cursos de Filosofia de outras universidades e faculdades, bem como com cursos afins, de outras universidades do país e do exterior, o que alargará as atividades desenvolvidas no Curso de Filosofia da UFMA nos níveis de Ensino, Pesquisa e Extensão.

### 3 CONCLUSÃO

Partindo da ausência para fundar outra presença, a escrita leva o significado sempre para a posteridade. Nesse sentido, rompe-se com a ideia de linearidade temporal, visto que o instante original das formulações jamais seria atingido, pois ele não estaria no passado, mas na sua reinterpretação no presente.

Se a memória não resgata a exatidão, o momento já será outro no instante do resgate. Nenhum sentido pode ser considerado como previamente constituído. Nada está pronto, tudo está sendo feito, tudo está sendo construído.

No tocante às memórias de professores de filosofia brasileiros, o autor deste artigo teria um amplo leque de opções. Saliente-se que a amostra, aqui escolhida, de seis docentes, pretende representar efetivamente todos os professores de filosofia brasileiros.

Optou-se por abordar as memórias: 1- do prof. João Cruz Costa, entre outras razões, por ser considerado o principal responsável pela criação do Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo juntamente com o prof. Lívio Teixeira; 2- do prof. Newton da Costa, entre outras razões, por ser um dos principais lógicos e filósofos da ciência não somente ao nível de Brasil, mas internacional; 3- da profa. Marilena Chauí, entre outras razões, por ser uma das principais filósofas brasileiras; 4- do prof. José Maria Ramos Martins, entre outras razões, por ter sido aluno da

primeira turma do Curso de Filosofia [1953] da Faculdade de Filosofia de São Luís e, posteriormente, docente do mesmo Curso; 5- da profa. Alcina da Luz Santos Ferreira, entre outras razões, por ter sido aluna da segunda turma do Curso de Filosofia da Faculdade de Filosofia de São Luís e, ulteriormente, docente do mesmo Curso; 6- do prof. Raimundo Nonato Araujo Portela Filho, entre outras razões, por estar exercendo a docência no Departamento de Filosofia da UFMA desde março de 1980 e, por conseguinte, já haver dedicado um tempo considerável ao ensino, à pesquisa e à extensão em Filosofia.

Ressalte-se que o autor desse artigo não conheceu pessoalmente apenas o Prof. João Cruz Costa, mas: 1- participou de cursos, conferências e palestras em Encontros Brasileiros de Lógica, no Curso de Mestrado em Filosofia da UFPB e, durante o segundo semestre de 1988, em São Paulo, em disciplinas dos Cursos de Mestrado e Doutorado em Filosofia da USP, área de Lógica, ministrados pelo Prof. Newton da Costa; 2- acompanhou conferências, palestras e mesas-redondas em congressos que tiveram a participação da profa. Marilena Chauí; 3- foi aluno do Curso de Graduação em Filosofia no período em que o prof. José Maria Ramos Martins foi reitor da UFMA e, além disso, este foi membro da Comissão Examinadora do Concurso Público Para Ingresso na Carreira do Magistério Superior da UFMA, do qual o autor desse trabalho participou e foi aprovado, em fevereiro de 1981; 4- foi aluno da profa. Alcina da Luz Santos Ferreira no Curso de Graduação e, a partir de março de 1980, quando aprovado em processo seletivo de professor colaborador [substituto], passaram a ser colegas de trabalho no Departamento de Filosofia da UFMA até a aposentadoria da mencionada professora no início da década de 1990.

Conclui-se dedicando-se este artigo a todos os

professores de filosofia brasileiros, desde os que lidam com a Filosofia Para Crianças, com a Filosofia no Ensino Médio até os que atuam na Filosofia no Ensino Superior, quer ao nível de graduação quer ao nível de pós-graduação em sentido lato e em sentido estrito.

## **PHILOSOPHY, MEMORY AND CONTEMPORANEITY**

### **ABSTRACT**

Approach of aspects of relation among philosophy, memory and contemporaneity. Firstly, an examination of the relation between time and memory is accomplished. Then, memories of some Brazilian Philosophy professors are presented as regards relevant aspects of their academic lives as well as their insertion in contemporary socio-historical context. Finally, some conclusions are drawn.

**Keywords:** Philosophy. Time. Memory. Contemporaneity. Philosophy Professor.

### **REFERÊNCIAS**

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 5.ed. rev. e ampl. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ABRAHÃO, Eliane Morelli. **Transcrição da Entrevista com o Professor Dr. Newton Carneiro Affonso da Costa**. Águas de Lindóia, 12 de outubro de 1991. Depoimentos orais realizados pelos Arquivos Históricos do CLE/UNICAMP.

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. 2.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

BAPTISTA, Ana Maria Haddad; PEREIRA, Glaucia Rezende. Tempo-memória: algumas reflexões. **Integração**. v. 13, n.51, p,305-308, out. dez. 2007.

BARBERO, Jesus Martin. **Contemporaneidad latino-americana y analise cultural**. Madrid: Iberoamericana, 2000.

BENJAMIN, Walter. Escavando e recordando. In:\_\_\_\_\_. **Obras escolhidas II**. 4.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p.239-240.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína ( Org.). **Usos e abusos da história oral**. 2.ed. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 1998. p.183-191.

FARIA, Regina Helena Martins de; MONTENEGRO, Antonio Torres (Org.). **Memórias de professores**: histórias da UFMA e outras histórias. São Luís: Universidade Federal do Maranhão/Departamento de História, Brasília-DF: CNPQ, 2005.

HUYSEN, Andréas. **Seduzidos pela memória**. Rio de Janeiro:Aeroplano, 2000.

KRAUSE, Décio. A filosofia da ciência de Newton da Costa. **Revista Brasileira de Filosofia**. São Paulo: IBF, v.39, n.158, p. 117-144, abr./jun. 1990.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Unicamp, 1990.

**ECOS DO IESMA** - São Luís, v. 10, n. 1, p. 61-103, jan./jun. 2014

LEITE, Márcio Peter de Souza; CESAROTTO, Oscar. Entrevista com Newton da Costa. **Revirão**. Revista da prática freudiana. Rio de Janeiro: Aoutra, n.3, dez.1985.

PLASTINO, Caetano. Newton da Costa: filósofo da contradição. Entrevista concedida a Caetano Plastino. In: COSTA, Newton C.A. da. **O conhecimento científico**. São Paulo: Discurso, 1997. p. 265-278.

PORTELA FILHO, Raimundo Nonato Araujo . **80 Anos de Newton da Costa**: lógico e filósofo brasileiro. São Luís, 2009. 23p. ( Palestra proferida em 16.09.2009 a professores e alunos do Curso de Filosofia da UFMA, em homenagem aos 80 anos do prof. Newton da Costa.)

\_\_\_\_\_. **Tempo e memória**: aspectos históricos do Curso de Filosofia da UFMA. São Luís, 2011. 21p. (Palestra proferida na XX Semana de Filosofia da UFMA em 2011).

TRANS/FORM/AÇÃO. Entrevista de João Cruz Costa. v.2, p. 87-94, Marília, 1975.

TRANS/FORM/AÇÃO. Entrevista de Marilena Chauí. v.5, p. 5-34, Marília, dez.1982.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO. Assembleia Departamental do Curso de Filosofia da UFMA. **Ata**. São Luís. Livro 1, 20.03.1980- 02.04.1981. 50fl.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO. Assembleia Departamental do Curso de Filosofia da UFMA. **Ata**. São Luís. Livro 2, 09.04.1981- 25.10.1985. 100fl.